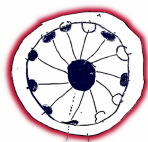


**CIRCULANDO MEMÓRIA - UM PROJETO DE PESQUISA NO CAMPO DA
PSICOPEDAGOGIA COMUNITÁRIA.**

NÚCLEO DE PESQUISA – TEKOA, CENTRO DE ESTUDOS DA APRENDIZAGEM

Janeiro 2010



TEKOA
Centro de Estudos
da Aprendizagem

Autoria:

Maria Luiza Oliveira Castro de Leão

- I) INTRODUÇÃO**
- II) JUSTIFICATIVA**
- III) OBJETIVOS**
- IV) METODOLOGIA**
- V) FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**
- VI) CONCLUSÃO**
- VII) ANEXOS**
 - A) DADOS SOBRE A CIDADE DE VALENÇA- RJ**
 - B) GLOSSÁRIO E ALGUMAS DEFINIÇÕES**
 - C) PRIMEIRO REGISTRO DA AGENTE DE POLINIZAÇÃO**
 - D) A PESQUISADORA**

I) INTRODUÇÃO:

Despertou nosso interesse um fenômeno percebido na comunidade rural de Valença¹: filhos de trabalhadores rurais de fazendas da região que possuem o ensino médio e não conseguem postos de trabalho enquanto que seus pais, sem ou com pouca escolaridade, trabalham e possuem uma sabedoria relacionada ao meio em que habitam relativa a hábitos de trabalho e de sobrevivência em geral. Tal conhecimento tradicional parece não estar sendo mais transmitido para as gerações mais novas. Notamos uma desvalorização do trabalho rural bem como de hábitos de sobrevivência tradicionais (especialmente cuidados com a saúde, alimentação, criação de filhos, rituais tradicionais, etc). Paralelamente, parece existir "um relativo vazio" nos hábitos de sobrevivência das novas gerações já que as possibilidades de trabalho são restritas e os cuidados com a saúde, ligados ao serviço público (INSS), parecem bastante precários.

De um modo geral, notamos uma grande dificuldade de diálogo e de troca de saberes entre as instituições nas comunidades em geral (família, escola e serviços públicos). Seria desejável e possível uma troca de saberes? Como isso ocorre ou não ocorre em Valença (onde temos um posto da EMBRAPA, posto do INSS, universidades e etc.)?

Parece-nos que as fontes de "saberes-familiares-populares tradicionais", que muitas vezes remetam para condutas que levam a "sociedades sustentáveis", apresentam uma tendência a desaparecer, e, com elas, uma fonte riquíssima de pesquisa.

¹ Vide em anexo

II) JUSTIFICATIVA:

Temos notado que a temática de manutenção e resgate das culturas tradicionais tem despertado o interesse da comunidade científica e da sociedade em geral. Diversos projetos e iniciativas apontam para essa direção, tais como:

* A reportagem de Pauline Askin (fonte: Jornal do Brasil. 09/09/07), “*ABORÍGINES CONFIAM NAS PLANTAS*” mostra a medicina tradicional sendo usada como complemento de práticas de saúde modernas (Austrália): “(..) *o uso de plantas medicinais é parte da cultura aborígene Yolngu. Remédios de tempos imemoriais foram guardados e suas receitas transmitidas por histórias contadas pelas gerações há mais de 40 mil anos [!] (...) Saúde precária é um problema grave para os aborígenes. Na parte remota do país que ocupam, eles têm acesso limitado aos serviços de medicina e clínicas modernos. Além disso, as mulheres Yolngu estão determinadas a continuar ensinando e praticando sua medicina tradicional (...) Existe urgência, já que tradições e histórias orais são passadas pelas gerações. Se você pular uma geração, perde um grande corpo de conhecimento*”. Durante os últimos vinte anos, antropólogos têm trabalhado na criação de um registro da complexa e sofisticada farmacopéia aborígene e muitos médicos que trabalham em lugares remotos da Austrália dão as boas-vindas à medicina tradicional. “*Acredito que temos dois sistemas de cura trabalhando lado a lado*” ponderou Oscar Whitehead, médico australiano.

* Reportagem de Arnaldo Bloch (fonte: Jornal do Brasil. 04/02/07), “*SOBREVIVENTES DOS SERINGAIS, OS ARARA RENASCEM NA SELVA - EM TRÊS ALDEIAS RIBEIRINHAS, ÍNDIOS DA NOVA GERAÇÃO RECUPERAM CULTURA E CONQUISTAM AUTONOMIA POLÍTICA*” (Acre, Aldeia Arara). “*Hora de caçar mitos*” conclama o cineasta Marco Altberg, autor do premiado documentário Noel Nutels (1975), recém-chegado ao igarapé Humaitá, afluente do Alto Juruá, no fundo da Amazônia acreana, ao iniciar os trabalhos de gravação do último episódio da série Taru Andé, que o Canal Futura vem exibindo desde novembro (2006) em co-produção com a rede americana CNN. O filme, décimo-terceiro da seqüência, versará sobre os índios Arara Shawadawa-uma das chamadas tribos emergentes - que só há três anos atrás tiveram homologadas suas terras, de 86 mil hectares, demarcadas em 1985.

Altberg tem o desafio de, em quatro dias, compreender e retratar a cultura de um grupo que, marcado pela herança dos seringais, esteve prestes a vê-la desaparecer por completo. Os mitos não se arvoram em aparecer facilmente já que são poucos os anciãos que ainda se dispõem a falar às câmaras. O pajé mais velho da aldeia, por exemplo, vive em retiro no meio da floresta, evitando envolver-se nas questões políticas que opõem constantemente os índios mais afeitos à cidade àqueles que se apegam crescentemente às tradições. O velho pajé prefere falar através de seus

aprendizes, entre os quais o vigoroso Tshãibu Shawã (Francisco Lima Silva, para efeitos da burocracia cidadã), que em sua habitação na foz do Nilo, numa das três aldeias arara da região, cultiva ervas medicinais e essências da floresta.

- *"Isso aqui é o meu pólo agroindustrial. Aproveitamos a presença dos jornalistas, que fizeram faculdade, para lançar o estatuto desse nosso estudo da floresta, que é nosso e só nosso, e que muitos querem tirar de nós."*

Animados pela demarcação, os velhos foram a chave para mobilizar, nos últimos anos, o processo, puxado pelos jovens, de união dos povos da floresta e o renascimento cultural. O processo se expande na região e começa a contaminar as crianças. Todos os dias elas se pintam, aprendem canções, começam a talhar lanças de madeira, uns primeiros potes de cerâmica ressurgem entre as mulheres, os ritos espirituais à sombra de samaúmas (árvores gigantesas consideradas rainhas da floresta) ganham força, jovens formados na cidade ensinam os alfabetos índio e branco.

* Reportagem de Mica Rosenberg (fonte: Jornal do Brasil, 18/02/07) "INDÍGENAS PREPARAM NOVO APOGEU- ESCOLAS VOLTAM A ENSINAR LÍNGUAS MAIAS E AUMENTAM ORGULHO ÉTNICO". (América Central).

Segundo a reportagem, enquanto o filme de Mel Gibson Apocalypto chama a atenção do mundo para a derrocada da cultura maia, nas montanhas e selvas da Guatemala o grupo indígena renasce. Um projeto de educação bilíngüe na maioria das províncias maias do país traz de volta ao uso pelo menos 21 línguas que os colonizadores espanhóis quase levaram à extinção. *"Aprender as duas línguas é importante porque o kaqchikel é bonito e não queremos esquecê-lo"* justifica Yessenia Saquec, de 14 anos. Seus colegas de classe apresentam um seminário em kaqchikel, com histórias orais passadas pelos seus avós.

Outra prova de que hoje a situação étnica é melhor é a decisão do Prêmio Nobel da Paz, Rigoberta Menchu, de concorrer à Presidência da Guatemala. Se vencer, a ativista dos direitos humanos vai se tornar a segunda líder indígena a chegar ao poder nas Américas nas últimas décadas. O primeiro é o presidente da Bolívia, Evo Morales.

Mais de três mil escolas bilíngües foram abertas em todo o país e todas elas dão prioridade aos dialetos maias nos três primeiros anos de educação de uma criança...

Esses projetos e iniciativas nos conduzem a questionamentos: Por que essa tendência? Será que quando se percebe que certas tradições estão se acabando nos damos conta da importância delas e surge uma urgência em mantê-las ou resgatá-las? Será que podemos concluir que se um conhecimento se mantém por mais de "quarenta mil anos", segundo a fonte retirada do Jornal do Brasil, na reportagem de Pauline Askin, deve ter grande valor para a sobrevivência daquela comunidade e, eventualmente, para o conhecimento (científico) da humanidade em geral?

Parece que em momentos de crise, em momentos de turbulência, momentos de transformação e de desordem, onde nova organização é exigida, o homem tende a olhar para trás, buscar as fontes que lhes são seguras, conhecidas, para poder seguir, avançar...

Todos esses aspectos e tantos outros podem estar na base dessas pesquisas, porém uma coisa é certa, se desejamos falar de sustentabilidade, num sentido geral... se procuramos aprender como podemos resgatar e desenvolver um melhor convívio com a natureza mantendo a sustentabilidade econômica... Quando falamos de reciclagem de lixo... Percebemos que uma das fontes de inspiração, de pesquisa e de esperança está nas culturas que transformam pouco a natureza, produzindo pouco lixo, mantendo o ecossistema no sentido biológico e social (a organização social é muito ligada ao ambiente biológico e ambos ao desenvolvimento econômico...).

Então, ao falarmos em sustentabilidade temos em mente o ideal de não apenas buscar soluções para o equilíbrio do meio ambiente, mas para buscarmos soluções para a humanidade como um todo, já que os seres vivos são parte integrante do universo e não apenas meros observadores.

De acordo com Volnei Alves Correa, em seu texto, "Sociedade: Desenvolvimento Sustentável", no documento Ciência & Tecnologia para o Desenvolvimento Sustentável, elaborado a pedido do Ministério do meio Ambiente, são consideradas as seguintes dimensões de sustentabilidade:

- Sustentabilidade social: ancorada no princípio da equidade na distribuição de renda e de bens, no princípio da igualdade de direitos a dignidade humana e no princípio de solidariedade dos laços sociais.
- Sustentabilidade ecológica: ancorada no princípio da "solidariedade com o planeta" e suas riquezas e com a biosfera que o envolve.
- Sustentabilidade econômica: avaliada a partir da sustentabilidade social propiciada pela organização da vida material.
- Sustentabilidade espacial: norteadas pelo alcance de uma equanimidade nas relações inter-regionais e na distribuição populacional entre o rural/urbano e o urbano.
- Sustentabilidade político-institucional: que representa um pré-requisito para a continuidade de qualquer curso de ação a longo prazo.
- Sustentabilidade cultural: modulada pelo respeito à afirmação do local, do regional e do nacional, no contexto da padronização imposta pela globalização.

Todas estas dimensões são realmente importantes, contudo, o que significam na realidade? Um estudo patrocinado pelo Fundo Mundial para a Natureza sobre as causas básicas da perda da biodiversidade, conclui que, *"conjuntamente com outras forças, a pobreza frequentemente desempenha um papel principal."*

"Quais são de fato as causas da pobreza? Em artigo anterior falei de um projeto desenvolvido pelo Centro de Estudos e Pesquisas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob minha coordenação, denominado Geração de Renda e Emprego e o Desenvolvimento Sustentável. Neste

projeto proponho um programa que objetive treinar pessoas interessadas em montar empresas direcionadas para uma filosofia de Desenvolvimento Sustentável, com um aproveitamento mais eficaz dos recursos naturais. O que significa este projeto? Inicialmente identificar nas comunidades pessoas desempregadas ou em subempregos que estejam interessadas em criar e desenvolver seus próprios negócios, com a evidente possibilidade de criar empregos para si e, no mínimo, para seus familiares.

Que negócios seriam estes? Basicamente todos aqueles que usem como matéria prima um reaproveitamento de produtos que de outra forma estariam causando problemas para o ambiente. Neste momento posso destacar o lixo, considerados por seus geradores como inútil; a sucata, resultante de resíduo sólido de indústrias e assim por diante. A alternativa já existente e em prática em inúmeros municípios são as usinas de reciclagem de lixo. Existem, contudo, outras atividades que poderiam ser desenvolvidas, dentro da visão de sustentabilidade social.

No caso em questão o objetivo básico é gerar atividades que gerem renda e empregos para indivíduos ou grupos sociais. Na realidade esta simples ação apresenta soluções para três diferentes tipos de problemas. O primeiro citado pelo Worldwatch Institute, no livro O Estado do Mundo 2001, se denomina pobreza. A redução do número de desempregados, a inclusão de atores sociais no segmento de emprego (seja como empresário seja como empregado) reduz substancialmente o nível de pobreza de uma comunidade. O segundo é uma consequência, pois no momento em que se criam empresas com uma visão de desenvolvimento sustentável está se protegendo a biodiversidade e o ambiente como um todo. O terceiro problema a ser solucionado é o da educação ambiental. Inúmeras pessoas prejudicam o ambiente não por má fé, mas por pura e simples ignorância. Este projeto, ao envolver a comunidade como um todo, permitirá uma ação educacional mais efetiva, pois as escolas, principalmente as públicas, onde se encontram matriculadas crianças oriundas de famílias de baixa renda, terão uma atuação de extrema importância.

Para demonstrar a viabilidade deste processo o autor apresenta alguns dados preparados pela Associação Brasileira de Alumínio – ABAL: No ano de 2000, as 32 empresas que fabricam ligas a partir da sucata de alumínio empregaram diretamente 2 mil pessoas e indiretamente asseguraram outros 6 mil postos de trabalho. Considerando-se que no Brasil já existem mais de 150 mil pessoas que vivem da coleta de latas pós-consumo as oportunidades de negócio em termos de reciclagem são uma realidade.

O artigo enfatiza que está na hora de cada um se ocupar na busca de soluções para os problemas que afligem suas comunidades. Não basta falar da existência dos excluídos, são necessárias ações práticas para torná-los incluídos. Se cada um fizer a sua parte, problemas tais como desemprego, poluição e desperdício terão soluções viáveis, práticas e, principalmente sustentáveis.

Nosso campo de pesquisa, a psicopedagogia, privilegia os fenômenos da aprendizagem humana

e da circulação de conhecimentos. Pretendemos com nossa investigação, na área da psicopedagogia comunitária, oferecer à sociedade uma ferramenta para todo e qualquer tipo de empreendimento que vá à direção da sustentabilidade e que, para tanto, precise mobilizar os saberes e a aprendizagem das comunidades envolvidas com o empreendimento.

Basicamente procuramos desenvolver uma técnica de intervenção comunitária com indivíduos e grupos de modo a poder registrar e fazer circular conhecimentos especialmente os tradicionais que estão em via de extinção.

Lembramos que nossa intervenção psicopedagógica se caracteriza pela metodologia de fazer aflorar, reconhecer e circular os conhecimentos dessa comunidade.

III) OBJETIVOS:

Nossa pesquisa tem por **objetivos**

1) Construir uma técnica de intervenção psicopedagógica, inspirada na “técnica de grupos operativos”, desenvolvida por Pichon Rivière, com vistas a se (re) estabelecer a circulação de conhecimento e a preservação cultural e assim, os “saberes sustentáveis”, em comunidades específicas, de modo a paralelamente,

2) desenvolver a teoria e a prática do que denominamos de "Psicopedagogia Comunitária" (campo da Psicopedagogia Social).

Assim, procuramos

3) elaborar uma técnica que permita um trabalho com equipes multidisciplinares, dando especial atenção ao registro de culturas de transmissão oral, cujas fontes são, de um modo geral, as gerações mais velhas. E finalmente pretendemos que

4) os conhecimentos tradicionais sejam (re) dinamizados pelas gerações mais novas.

Objetivos específicos:

1) Promover a auto-valorização e o reconhecimento dos conhecimentos e das modalidades de aprendizagem e de transmissão, das comunidades.

2) Permitir a conscientização dos processos de aprendizagem coletivos e individuais da comunidade (modalidades de circulação, de registro, de transmissão e de aprendizagem dos conhecimentos).

3) Reconhecimento dos "saberes populares como fontes de saber"

4) Revitalização e conseqüentemente otimização da transmissão dos conhecimentos intra e inter-comunitariamente (famílias, escolas, postos de saúde, Embrapa. universidades...).

5) Valorização do ecossistema (social e biológico), que permita a manutenção, o resgate e o desenvolvimento de um saber que se dirija à "sustentabilidade".

6) (Re) dinamizar os conhecimentos através dos rituais populares cotidianos e tradicionais, tais como os cuidados com saúde, alimentação, festejos comunitários tradicionais etc.

7) Valorização do resgate da memória comunitária tradicional através da "exploração" das "fontes de saber", especialmente das pessoas mais antigas, que guardam a história da comunidade e de seus conhecimentos.

8) A comunidade se beneficie das aprendizagens diretas decorrentes da "pesquisação" do próprio projeto, isto é, que os agentes polinizadores possam aprender a filmar, digitar, se inserir digitalmente, prestar apoio administrativo, isto é, criar possibilidades de profissionalização.

IV) METODOLOGIA:

Fase exploratória:

Para a elaboração do projeto "Circulando Memória" tomamos com foco de estudo a comunidade rural de Valença, Município do Estado do Rio de Janeiro*.

Numa primeira etapa propomos ir a campo e entrevistar as famílias dos trabalhadores rurais das fazendas de café, de gado entre outras.

Um *estudo piloto* foi iniciado com Dona Marina (83 anos), conhecedora de ervas medicinais oriundas da região: do seu plantio, da colheita, da preparação e da sua aplicação preventiva e terapêutica.

A técnica utilizada - *entrevista semi-diretiva*-, que tem uma inspiração operativa (no sentido de Pichon Rivière), está para ser aprofundada (um dos objetivos da pesquisa) para os propósitos do estudo. Pretendemos que essa técnica venha a ser um instrumento que possa ser utilizado por uma equipe multidisciplinar para toda e qualquer comunidade. A idéia é que ela venha a ser aplicada para a circulação e registro de conhecimento especialmente àqueles envolvidos nos empreendimentos que visem a sustentabilidade e para o desenvolvimento da educação e da saúde da comunidade de um modo geral.

Componentes da entrevista

A entrevista (da fase exploratória) inclui o entrevistador, o entrevistado, o co-entrevistador e pode contar também com um ou mais observador (es).

O *entrevistador* conduz a entrevista no sentido de obter os aspectos objetivos do saber em questão, bem como os subjetivo- simbólico- dramáticos "ancorados" àquele saber. Procuramos estudar a modalidade de aprendizagem do entrevistado, da sua família atual, da sua família antiga, da modalidade de transmissão da comunidade, de registro em questão... nos registros objetivo e subjetivo.

O *co-entrevistador*, nomeado "*agente de polinização*", participa da entrevista ajudando o entrevistador, gravando e/ou filmando a entrevista e depois fazendo uma síntese dela. O *agente de*

polinização é constituído por um membro da mesma comunidade do entrevistado, porém de uma geração mais nova (pessoas entre 18 e 30 anos). O agente de polinização inicialmente participa menos ativamente, porém a idéia é que ele possa paulatinamente ir aumentando sua participação e com o tempo vir a se constituir num entrevistador, ele mesmo, e poder fazer um registro objetivo das entrevistas acompanhado de um registro crítico-reflexivo. Desse modo um dos objetivos do projeto começa a poder se elaborar: a circulação da comunicação dos conhecimentos intra-comunitariamente, inter-geracionalmente.

Ao terminar a fase exploratória, já com uma proposta baseada numa técnica mais elaborada, pretendemos continuar a pesquisa com uma equipe multidisciplinar, tendo um psicopedagogo comunitário como agente facilitador da circulação dos conhecimentos daquele grupo. Para isso, ele deverá atuar sobre o discurso manifesto inferindo o latente, principalmente, no que diz respeito a dimensão dramática ancorada na tarefa que está sendo elaborada, visando facilitar o desenvolvimento do trabalho objetivo. No que concerne à dinâmica do grupo, isto é, às funções e aos papéis assumidos pelos seus membros, devemos lembrar que nesse aspecto também deve intervir o psicopedagogo comunitário.

Entre os profissionais que podem fazer parte dessa equipe multidisciplinar estão antropólogos, sociólogo, historiadores... para estar investigando o grupo enfocado (história, rituais, sexualidade, valores e ideologia); biólogos, agrônomos, médicos comunitários... para o estudo e aplicação das ervas.

Para outros empreendimentos, outros profissionais poderão ser incluídos (cineastas, jornalistas, etc)

Lembramos que nossa intervenção psicopedagógica se caracteriza pela metodologia de fazer aflorar, reconhecer e circular os conhecimentos dessa comunidade e aproximar as fontes e instituições de saberes pertinentes.

V) FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

Um dos pilares teóricos da pesquisa é a psicologia social desenvolvida pelo psiquiatra, psicanalista argentino Enrique Pichon Rivière, com destaque para a sua "teoria e técnica de grupos operativos", como também a psicologia social desenvolvida por José Bleger, que em seu livro, "Psico-Higiene e Psicologia Institucional", apresenta uma visão inovadora sobre o funcionamento dos indivíduos e dos papéis que desempenham nas instituições, observando a dinâmica inerente ao funcionamento dos grupos. Outro estudo recai sobre a teoria do pensamento desenvolvida pela filósofa e psicopedagoga Sara Pain, que preconiza o pensamento em uma dupla estrutura: uma encarregada da construção da objetividade- apoiada sobretudo nas descobertas da escola da Psicologia Genética de Genebra (Jean Piaget) e outra encarregada da construção da subjetividade –

apoiada na escola psicanalítica. Outros estudos: Gérard Verganud, em especial sua teoria dos campos conceituais. Jorge Visca, onde podemos destacar o seu livro "Psicopedagogia - Teoria, Clínica, Investigação". Maria Luiza Leão com os "Momentos de Turbulência" (estudo da desordem e da transformação), e com sua proposta de uma Noologia Estruturalista como um campo teórico para a psicopedagogia. Bruce Albert & Alcida Ramos, em seu livro "Pacificando o Branco", nos dando uma noção das fricções interétnicas e os processos de reformulação das visões de mundo e conhecimentos. Gilberto Velho com seu livro "Familiarizando o Exótico" podendo nos dar um apoio metodológico para a pesquisa. O livro do Roque Laraia, "Cultura um conceito antropológico", nos trazendo uma noção mais abrangente dos meandros da cultura. E para as questões referentes à memória, há o autor Jack Goody sobre sociedades iletradas, tradicionais que funcionam mais na oralidade. Há também o livro do Paul Ricoeur e François Zonabend, "La memoire longe". O estudo bibliográfico deverá ser ainda ampliado.

VI) CONCLUSÃO

Concluindo a elaboração do nosso projeto salientamos que pretendemos então, através de um estudo focado na comunidade de Valença, especialmente baseado no conhecimento das ervas medicinais e na sua aplicação, estabelecer uma comunicação de troca de saberes inter-grupais. Para tal empreendimento visamos desenvolver uma técnica de abordagem comunitária que envolva uma equipe preventiva multidisciplinar.

VII) ANEXOS:

A) DADOS SOBRE A CIDADE DE VALENÇA- RJ:

Geografia

Possui uma área de 1308,1 km² (a segunda maior do estado do Rio de Janeiro), estando situada no Vale do Paraíba Fluminense.

Valença possui 5 distritos: Conservatória ("Cidade das Serestas"), Barão de Juparanã ("Cidade dos Barões"), Parapeúna, Santa Isabel do Rio Preto e Pentagna.

Atualmente a sua economia está voltada especialmente para a agropecuária e para o pólo universitário existente na sede municipal.

História

A região do vale do Paraíba do Sul, no Rio de Janeiro, era totalmente coberta por florestas virgens no final do século XVIII.

O território da atual sede do município de Valença era habitado na época pelos índios Coroados que dominavam toda a zona compreendida entre os rios Paraíba do Sul e Preto^[5]. O nome Coroados é uma denominação geral dos portugueses para todas tribos que usavam cocares em forma de coroa. Rugendas escreveu que os Coroados da região eram resultantes do cruzamento dos Coropós com os temíveis Goitacás de Campos, fato discutível, embora, segundo Debret, Coroados e Coropós fossem muitas vezes confundidos pela semelhança. Os Coroados eram divididos em Araris e Puris (ou Paris ou Purus), sendo estes últimos em menor número. Ainda havia na região outras tribos como os Tampruns e Sazaricons, igualmente chamados Coroados^[6].

O esgotamento do ouro nas Minas Gerais causou um forte fluxo migratório de mineiros para ocupação das terras virgens existentes no vale do rio Paraíba do Sul. Entretanto, as tribos de índios viviam nômades na região geravam insegurança entre os proprietários das sesmarias que eram doadas em suas terras. Os índios Coroados eram especialmente temidos pela ferocidade que exibiam em batalhas entre si e contra os portugueses.

O vice-rei do Brasil, D. Luís de Vasconcelos e Souza, ordenou, em 1789, que fosse iniciada a catequese dos índios da região. Em 1800, o vice-rei incumbiu o fazendeiro José Rodrigues da Cruz, proprietário das fazendas Ubá e Pau Grande (atualmente na região de Vassouras) de "proceder à civilização" dos índios Coroados. O então capitão de ordenanças, Inácio de Souza Werneck, foi incumbido de "domesticar e aldear", isto é, de reunir os índios Coroados nas matas e conduzi-los para as aldeias onde deveriam se fixar. Assim, foram liberadas terras que foram divididas em sesmarias e doadas ao primeiros colonizadores da região.

O vice-rei, Dom Fernando José de Portugal, nomeou, em 1803, o padre Manoel Gomes Leal para o cargo de capelão, tendo-lhe o bispo Dom José Joaquim Justiniano conferido a jurisdição necessária para construir e benzer uma capela e cemitério. Uma modesta capela dedicada a Nossa Senhora da Glória foi construída no principal aldeamento de índios Coroados, o qual deu origem à atual cidade de Valença^[6]. A aldeia de Valença foi habitada pelos Puris; a aldeia de Santo Antônio do Rio Bonito, que originou o atual distrito de Conservatória dos Índios, foi habitada pelos Araris^[6].

O aldeamento dos índios da região continuou procurando-se concentrar os aglomerados indígenas com outros índios que também perambulavam pela região^[5].

A aldeia de índios foi elevada a freguesia de Nossa Senhora da Glória de Valença por Carta Régia de 19 de agosto de 1807. O nome foi dado em homenagem ao vice-rei Dom Fernando José de Portugal, descendente dos nobres da cidade espanhola de Valencia.

A cafeicultura

Entre 1856 e 1859, a província do Rio de Janeiro produziu 63.804.764 arrobas de café, enquanto as províncias de São Paulo e Minas Gerais juntas produziram apenas um quarto deste total. Com o grande crescimento econômico devido à cafeicultura, a vila foi elevada a cidade em 29 de setembro

de 1857^[5]. Por volta de 1859, a cidade tinha cerca de 5.000 habitantes na sua sede e o todo o município tinha 40.000 habitantes entre homens livres e escravos^[5]. A necessidade de mão-de-obra para as plantações de café fez com o município tivesse uma das maiores populações negras da então província do Rio de Janeiro, senão do Brasil. Em 1888 ainda trabalhavam na lavoura de café cerca de 25.000 escravos^[5].

A ferrovia "União Valenciana" chegou á cidade em 1871. O comércio atacadista prosperou na cidade incentivado pela facilidade de transporte e pelo desenvolvimento econômico devido à lavoura cafeeira^[5].

A super-exploração e mau uso causaram o empobrecimento do solo e a a produção de café caiu em toda região. Entre 1879 a 1884, a província do Rio de Janeiro ainda poduziu 55,91% do total de café exportado pelo Brasil; porém, em 1894 a produção despencou para apenas 20% do total. O município, assim como todo o vale do Paraíba do Sul, entrou então em decadência econômica.

Entretanto, Valença foi menos afetada do que as outras cidades da região devido à ferrovia que passava pela cidade, o que propiciou a criação de indústrias por alguns empresários locais. As indústrias têxteis começaram a surgir por volta de 1909 fundadas pelos empresários José Siqueira Silva da Fonseca, Benjamin Ferreira Guimarães e Vito Pentagna^[5].

A economia local também foi estimulada em 1910 quando a Estrada de Ferro Central do Brasil encampou as operações da antiga estrada de ferro "União Valenciana". A Estrada de Ferro Central do Brasil instalou oficinas e um Depósito na cidade. Houve investimentos locais com a construção da variante de Estêves, do trecho ferroviário entre Marquês de Valença e Taboas e de Rio Preto a Santa Rita de Jacutinga. Com isto, a população aumentou e o comércio local prosperou^[5].

Ao mesmo tempo, as fazendas locais erradicaram os cafezais envelhecidos e passaram a dedicar-se à agro-pecuária. A produção leiteira prosperou na região.

Em 31 de dezembro de 1943, o topônimo Valença foi modificado para Marquês de Valença conforme Decreto-lei Estadual n.º 1056^[5].

Turismo

É uma cidade com um imenso potencial voltado para a área de ecoturismo, tendo como principal ponto deste a Serra da Concórdia, que encontra-se a sudoeste da cidade e está situada entre os vales dos rios Preto e Rio Paraíba do Sul. É a única região que possui duas Unidades de Conservação públicas acrescendo de uma privada, sendo estes: Parque Natural Municipal do Açude da Concórdia e Estadual da Serra da Concórdia, o Santuário de Vida Silvestre da Serra da Concórdia e a Serra dos Mascates. Há também o Ronco D'Água, um balneário com cachoeira natural. Possui uma festa tradicional nomeada de Festa da Nossa Senhora da Glória, no mês de agosto, para homenagear a padroeira da cidade.

Além do contato com a natureza, é também uma cidade histórica cheia de cultura com várias das fazendas do Ciclo do Café, podendo serem visitadas aproveitando assim o dia; podemos observar isso como uma de suas atrações turísticas, tais como: Casa Léa Pentagna, Catedral de Nossa Senhora da Glória, Praça Visconde do Rio Preto (apelidada de Jardim de Cima), Praça XV de Novembro (Jardim de Baixo), Museu da Arte Sacra da Catedral, Museu Capitão Pitaluga (militar), Museu da Antiga Santa Casa de Misericórdia, Prédio da Câmara Municipal de Valença, Teatro Rosinha de Valença, Igreja Nossa Senhora do Rosário, Memorial Afro, Mirante do Cruzeiro, Museu Ferroviário, Feira de Artesanato (Jardim de Cima, nos finais de semana). Estes sendo no Centro de Valença, ainda possui diversas atrações e atrativos turísticos nos arredores e no conhecido distrito de Conservatória.

Distância das Capitais

Valença - Rio de Janeiro: 162 km

Valença - São Paulo : 392 km

Valença - Belo Horizonte: 365 km

Compilação tirada da Wikipedia

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Valen%C3%A7a_\(Rio_de_Janeiro\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Valen%C3%A7a_(Rio_de_Janeiro))

Referências

1. ^{1,0} ^{1,1} ↑ *Divisão Territorial do Brasil. Divisão Territorial do Brasil e Limites Territoriais*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (1 de julho de 2008). Página visitada em 11 de outubro de 2008.
2. [↑] *Estimativas da população para 1º de julho de 2008* (PDF). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (29 de agosto de 2008). Página visitada em 5 de setembro de 2008.
3. [↑] *Ranking decrescente do IDH-M dos municípios do Brasil. Atlas do Desenvolvimento Humano*. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (2000). Página visitada em 11 de outubro de 2008.
4. [↑] ^{4,0} ^{4,1} *Produto Interno Bruto dos Municípios 2002-2005*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (19 de dezembro de 2007). Página visitada em 11 de outubro de 2008.
5. [↑] ^{5,0} ^{5,1} ^{5,2} ^{5,3} ^{5,4} ^{5,5} ^{5,6} ^{5,7} ^{5,8} ^{5,9} História de Valença. Visitado em 1 de outubro de 2008.
6. [↑] ^{6,0} ^{6,1} ^{6,2} ^{6,3} ^{6,4} ^{6,5} ^{6,6} IORIO, Leoni. "*Valença de Ontem e Hoje - 1789-1952 – Subsídios para a História do Município de Marquês de Valença*" – 1ª. edição. Juiz de Fora/MG:Companhia Dias Cardoso, 1953.
7. [↑] ^{7,0} ^{7,1} CASTRO, Maria Werneck de. "*No Tempo dos Barões*". Rio de Janeiro: Bem-te-vi Produções Literárias, 2006. pp.78-80

8. ↑ ^{8,0} ^{8,1} BRAGANÇA Júnior, Álvaro Alfredo. "O Topônimo Conservatória à Luz da Corrente "Wörter und Sachen"" (Visitada em 2 de outubro de 2008)

B) GLOSSÁRIO E ALGUMAS DEFINIÇÕES:

* **Psicopedagogia:** É o campo de estudo que se ocupa com a teoria e a prática do ato de aprender e da circulação do conhecimento. Investiga o sujeito que aprende, os processos de aprendizagem e o conteúdo aprendido. São também objeto de estudos da psicopedagogia os contextos onde se dá o processo de transmissão e de (re) construção dos conhecimentos e da cultura em geral tais como: grupo familiar, instituições e comunidades.

* **Psicopedagogia comunitária:** Um segmento da psicopedagogia social (psicologia social) focada em grupos específicos no sentido cultural.

* **Cultura.**

De acordo com o dicionário Aurélio Buarque de Holanda.

Cultura quer dizer ato, efeito ou modo de cultivar. O complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas, intelectuais, etc., transmitidos coletivamente, e típicos de uma sociedade. O conjunto dos conhecimentos adquiridos em determinado campo.

De acordo com o site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/>:

Cultura é informação, isto é, um conjunto de conhecimentos teóricos e práticos que se aprende e transmite aos contemporâneos e aos vindouros. A cultura é criação. O homem não só recebe a cultura dos seus antepassados como também cria elementos que a renovam. A cultura é um fator de humanização.

De acordo com o site <http://criar.mundos.do.sapo.pt/Antropologia/pesquisa/cultura/001.html>

Uma das grandes dificuldades em definir o que é exatamente a *cultura*, advém do fato da cultura não ser algo palpável, mas sim uma idéia. Não é o que é feito, mas sim o modo como se pensa fazer - a mentalidade por detrás das nossas ações. A cultura é o produto do pensamento do Homem.

* **Comunidade**

De acordo com o dicionário Aurélio Buarque de Holanda.

Comunidade é o corpo social: a sociedade. É o grupo de pessoas submetidas a uma mesma regra religiosa. Local por elas habitado. O conjunto das populações animais e vegetais que coexistem numa mesma região.

Site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/>

Comunidade pode ser entendida como um conjunto de seres vivos inter-relacionados que habita um mesmo lugar.

*** Circular**

De acordo com o dicionário Aurélio Buarque de Holanda.

Estar à volta de. Rodear. Mover-se circularmente, tornando ao ponto de partida. Renovar-se

*** Memória**

De acordo com o dicionário Aurélio Buarque de Holanda.

Faculdade de reter as idéias, impressões e conhecimentos adquiridos. Lembrança, reminiscência. Dispositivo em que as informações podem ser registradas, conservadas, e posteriormente recuperadas.

Site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/memória>

É a capacidade de reter, recuperar, armazenar e evocar informações disponíveis, seja internamente, no cérebro (memória humana), seja externamente, em dispositivos artificiais (memória artificial).

***Saberes sustentáveis**

Estamos elaborando o conceito de “saberes sustentáveis”, no sentido de se constituírem os conhecimentos que foram historicamente construídos dialeticamente entre o pensamento e o meio ambiente (mais especificamente o ecossistema), de modo a tenderem a “sustentar”, preservar esse ecossistema.

C) PRIMEIRO REGISTRO FEITO PELO AGENTE DE POLINIZAÇÃO:

Resumo reescrito na íntegra (mantivemos a pontuação e ortografia original)

Data: 28/02/07.

Fontes: Dona Marina da Silva Cezar e seu João (esposo) que também apresentou algumas ervas.

Agente: Geisiane

Participação: Vanessa (irmã de Geisiane) e Amaurilho (filho de D. Marina)

O projeto circulando memória tem com objetivo resgatar os antigos hábitos de se cuidar através das ervas medicinais.

Antigamente as pessoas que moravam na roça em especial "os negros" não compravam remédios em farmácias, não tinham acompanhamento médico era apenas uma vez por mês, então faziam

remédios caseiros extraídos das ervas.

Tal costume era herdado de pai para filho e assim sucessivamente. Um bom exemplo disso, é Dona Marina, uma senhora de 83 anos, 16 netos, 23 bisnetos, não sabe ler e nem escrever, casou-se muito cedo, teve filhos muito nova cuidou de toda família, filhos, genros, noras e ainda trabalha na roça porém, desfruta de uma brilhante memória, mesmo não tendo estudado ela diz: " não sei ler e nem escrever, mas viajo pra tudo quanto é lugar, vo embora".

Dona Marina relata um fato em que perdeu o filho mais velho há 16 anos, trabalhava num quartel em Redenção Pirasinunca e perdeu a vida em um acidente de caminhão, interessante que mesmo não conhecendo o lugar, quando soube do acidente do filho ela foi pegando informação em um lugar e outro guardou tudo na memória e chegou até o quartel para ver o filho.

Aprendeu a lidar com as ervas com os avós que gostava muito de plantação, morava na roça plantava milho, cana-de-açúcar e trabalhou muitos anos na lavoura de café antigamente começava na estação, passava por Campo Alegre, fazenda Chacrinha, Canta Galo e ia até Vista Alegre e não havia carro o meio de transporte era a carroça ou o carro de boi, caminhão apenas uma vez por semana.

É importante que seja uma pessoa que tenha boa memória e cabeça mais tranqüila tem uma história que Dona Marina conta de uma mulher que quebrou o resguardo e morreu envenenada pelo próprio marido, sabendo que a mulher se encontrava em tal situação pediram para que ele procurasse hortelã, azeite de mamona e chá de aguniada ao invés de perguntar a alguém que sabia ou conhecesse de remédios, apanhou por conta própria remédio errado, deu para ela erva de rato vindo a mesma a falecer, por isso tem que ter uma pessoa que saiba como lidar com as ervas.

Seria muito melhor se as pessoas valorizassem um pouco mais a vida e cuidassem mais das ervas já que Dona Marina ressalta: "importante cuidar das ervas porque os remédios que compramos nas farmácias é feito das ervas que agente planta". É uma forma até mesmo de se poupar gastos, às vezes temos remédios no próprio quintal, mas não usamos por falta de conhecimento.

Num país como o nosso rico em biodiversidade porque não exploramos?

Alguns exemplos que Dona Marina ensinou:

- * para resguardo quebrado: arruda, hortelã, folha de mamona e chá de aguniada.
- * dor de barriga: maceirinha e confrei;
- * calmante: camomila;
- * dor de cabeça: três folhas de salvia com xicara de café;
- * cistite (urina ardendo, queimando): rosa branca em uma vasilha com água fervendo.
- * coração acelerado: alecrim da horta e sálvia ponham água fervendo tampe e depois toma.
- * rins: chá com a folha de coeté ou então chá misto - arroizinho (ramo no mato), carrapichinho, picão preto, folha de abacate, cana do brejo ou também conhecida como cana de macaco e chapéu de couro.

* Inflamação nos dentes: banhar com o chá da folha de algodão.

Obs: Esse é o registro sintetizado pela "agente de polinização", tal qual ela o concebeu. Há, porém o registro a ser transcrito, tal qual produzido por D. Marina.

D) AUTORA:

* MARIA LUIZA OLIVEIRA CASTRO DE LEÃO:

Concepção, direção e pesquisadora do projeto

Pedagoga (PUC-Rio), com doutorado em "Ciências da Educação" pela Universidade ParisV. Ciências Humanas. Sorbone. Trabalha com psicopedagogia preventiva e terapêutica. Diretora do Tekoa, Centro de Estudos da Aprendizagem / RJ. Pesquisadora.

CONTATO :

*Tekoa, Centro de Estudo da Aprendizagem. (End: Rua Henrique de Novaes 80, Botafogo, CEP:22281050 , Tel: (21) 2286-2572, e-mail: tekoa@gbl.com.br

* Maria Luiza: tel: (21) 9336-6601.

e-mail: lucaleao@gbl.com.br